

INSERSÃO LABORAL, TRABALHO, EDUCAÇÃO E JUVENTUDE: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO E ARTICULAÇÃO

Aldo David Meneguetti¹
Ana Claudia Braun²
Cynthia Schwarcz Berlim³

RESUMO

Objetivamos, neste artigo, apresentar o relato de experiência oriundo da elaboração de “Oficinas de Psicologia”, inseridas em um projeto de profissionalização para jovens com faixa etária entre 15 e 21 anos, provenientes de escolas públicas do município de Novo Hamburgo - RS. As ações desenvolvidas através da prática de estágio profissionalizante, exigida para a conclusão do Bacharelado em Psicologia, tiveram como intuito potencializar a inserção social dos jovens pela via do trabalho, fazendo uma interface entre estas duas facetas subjacentes da sociedade em que nos encontramos. Contribuímos para o desenvolvimento de habilidades sociais e desmistificação de conceitos culturais equivocados, trazidos acerca do âmbito laboral, assim como houve potencialização do repertório de atitudes assertivas a serem tomadas diante da vivência em busca de emprego. As “Oficinas de Psicologia” contribuíram, desta forma, no incremento da saúde e do bem-estar desses jovens em sua inserção no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Programa de Inserção Laboral. Mercado de Trabalho. Inserção Social. Juventude.

ABSTRACT

The present article focus to present the account of experience originated in the elaboration of “Psychology Workshops”, inserted in a professionalization project, for young people between 15 and 21 years old, proceeding from public schools in the city of Novo Hamburgo - RS. The actions, developed through the practice of the professionalizing internship that is required for the conclusion of the Bachelor's Degree of Psychology, had as purpose to potentialize the social insert of young people through work, establishing an interface between these two subjacent sides of the society where we live. We contributed for the development of social skills and for the demystification of wrong cultural concepts brought concerning the work scope. In addition, there was a potentialization of the repertoire of assertive attitudes to be taken in the face of the grasp of the life experience in search for a job. The “Psychology Workshops” contributed, in that manner, for the increase of the health and well-being of these young people in their insertion in the work market.

Keywords: Work-related Insertion Program. Work Market. Social Insertion. Youth.

¹Supervisor de Estágios em Psicologia Clínica e do Trabalho e das Organizações e supervisor do Núcleo de Orientação Profissional da Feevale. Coordenador do Centro Integrado de Psicologia. Psicólogo. E-mail: adam@feevale.br.

²Graduanda do curso de Psicologia da Feevale – Ênfase em Psicologia do Trabalho e Organizações. Membro do Centro Integrado de Psicologia – Feevale. E-mail: aninhabraun@hotmail.com.

³Membro do corpo docente e supervisora de Estágios em Psicologia Clínica e Psicologia do Trabalho e das Organizações da Feevale e do Centro Integrado de Psicologia (Feevale). Especialista em Psicologia Jurídica (ULBRA) e Mestre em Psicologia Social da Personalidade (PUCRS). Psicóloga. E-mail: cynthia@berlim.net.

O presente artigo tem como objetivo relatar e elucidar o trabalho de assessoria desenvolvido, no ano de 2007, pelo Centro Integrado de Psicologia-Feevale, junto ao projeto de capacitação profissional para jovens desta instituição. O projeto tem como principal objetivo a inclusão social através da capacitação destes jovens como operadores de microcomputadores. As atividades são desenvolvidas no turno contrário de suas atividades escolares. Tiveram como público-alvo adolescentes na faixa etária entre 15 e 21 anos, matriculados em escolas públicas do município. A concretização desta proposta busca auxiliar o jovem na qualificação e na profissionalização diante do mercado de trabalho, incrementando, de forma direta, a possibilidade de inclusão no âmbito laboral.

As “Oficinas de Psicologia” (denominadas, muitas vezes, pelos jovens, como “aulas de Psicologia”) vêm no intuito de refletir e viabilizar a elaboração de subsídios no sentido de catalisar maior assertividade e segurança dos jovens diante do ingresso no mercado de trabalho. Contemplaram-se, nas referidas oficinas, o desenvolvimento de habilidades sociais, a cidadania, o autoconhecimento, o senso crítico, a quebra de paradigmas equivocados relacionados ao mercado laboral, a definição de metas ligadas à vida profissional, suas implicações sociais e subjetivas. A partir da proposta desenvolvida, pode-se pensar que as “Oficinas de Psicologia” foram de cunho formativo e informativo.

Neste sentido, ao nos reportarmos à idéia de sociedade atual em que nos encontramos, certamente, corroboraremos com Chiavenatto (2004), que nos traz a dimensão de estarmos inseridos na chamada “era da informação”, em que o capital financeiro deixou de ser o recurso mais importante, cedendo lugar para o conhecimento. Nesse contexto, ele cita que a maior ênfase desta era é o conhecimento intelectual e a valorização de habilidades humanas, como aplicá-las e usá-las de maneira rentável.

Dentro dessa concepção, o autor menciona que as pessoas deixam de ser simples recursos organizacionais e passam a ser abordadas como seres dotados de inteligência, personalidade, conhecimento, habilidades, competências, aspirações e percepções singulares. As mudanças tornam-se rápidas, velozes, sem continuidade com o passado e trazendo um cenário ambiental impregnado de turbulências e imprevisibilidades. O trabalhador deve estar preparado para responder a essas demandas.

Podemos entender que o sujeito trabalhador, ao ingressar no âmbito laboral, estará desenvolvendo sua subjetividade e identificação social concomitantemente a essas exigências e aos cenários laborais. O trabalho, assim, constitui uma fundamental via de acesso social, em que o sujeito buscará o reconhecimento e a validação de seus objetivos individuais, suas vontades e seus desejos (NASCIUTI, 1996).

Fridman (2000) enfatiza que, nesse contexto em que o sujeito é requerido e demandado, a realização de

façanhas extraordinárias, ligadas à produção de conhecimento e quantidade de trabalho, muitas pessoas trazem dentro de si sentimentos agregados, como ansiedade, medo e desânimo em suas tarefas laborais.

Assim, poderemos nos remeter às idéias deste autor, dizendo que, para a inserção laboral satisfatória e saudável no mercado de trabalho, é necessário que o sujeito esteja apto técnica e pessoalmente. No trabalho, desta forma, poderá desenvolver um repertório amplo e eficaz de atitudes que permitam o alcance de seus objetivos e, conseqüentemente, a regulação e a homeostase psíquica, favorecendo sua saúde.

As habilidades referidas por Chiavenatto (2004) e Fridman (2000) podem, então, ser entendidas e apoiadas pela ótica de Del Prette e Del Prette (1999) que entendem como de fundamental importância que o “sujeito trabalhador” tenha capacidade de análise cognitiva inicial e habilidade de perceber e decodificar o ambiente social onde está inserido. É a capacidade que pode ser interpretada como a “leitura” que o sujeito realiza em seu contexto, tendo a condição de discriminação das atitudes que serão tomadas posteriormente, julgando se estas devem ou não ocorrer.

A falha na decodificação de mensagens do sujeito, sejam elas verbais ou não, e das normas e dos valores que se encontram em vigor naquele âmbito podem trazer dificuldades interpessoais ou ser colaboradoras no impedimento de seqüências interativas, que podem ser facilitadoras para uma melhor resposta e compreensão das demandas sociais.

“OFICINAS DE PSICOLOGIA”: CONTEXTUALIZAÇÃO E EXEMPLIFICAÇÃO

As “Oficinas de Psicologia”, frente a essa dinâmica apresentada, têm seu objetivo calcado no sentido de ponderar as mudanças do mercado de trabalho e auxiliar os jovens não somente em ações concretas e informações que sejam auxiliares para a entrada no mercado laboral, mas também vêm incumbidas do intuito de formar cidadãos aptos a exercerem atuações no mundo do trabalho de forma subjetiva, considerando os aspectos biopsicossociais do indivíduo. Fortalecem, assim, a condição desses jovens como cidadãos ativos e participantes de seu meio.

Como trazido por Sarriera, Câmara e Berlim (2006), as intervenções biopsicossociais dirigidas a jovens têm o objetivo de potencializar esse grupo, trazendo à tona o conhecimento de suas capacidades e compreendendo-os como sujeitos dotados da possibilidade de apropriação de suas habilidades, ao tentarem ingressar no mercado de trabalho.

Dessa maneira, o jovem encontrará um espaço de reflexão onde poderá se tornar consciente da sua capacidade de autodesenvolvimento acerca do mundo do trabalho, reconhecendo suas potencialidades como sujeito pensante e capaz de propagar atividades que lhe tragam uma nova série de aptidões, conferindo-lhe

melhores condições de enfrentamento desse momento que acontece junto com sua transição da puberdade em direção à vida adulta.

As “Oficinas de Psicologia” foram realizadas, de forma sistemática durante o desenvolvimento do projeto de capacitação profissional. As atividades ocorreram em grupos, tiveram seu início em Maio/2007 e encerramento em Dezembro/2007, totalizando 23 encontros semanais, com duração de uma hora cada.

Para a realização das atividades propostas, foram feitas construções gráficas individuais e coletivas, dinâmicas de grupo, *roleplay*, cine fórum, discussões no grande grupo, relatos de vivência, elaboração de *games*, auto-avaliações, exposição de trabalhos orais, leitura de textos, visita guiada à mostra de profissões, entre outros recursos que possibilitassem o envolvimento e a reflexão dos jovens a partir dos objetivos propostos nas oficinas.

Sabe-se que as competências humanas são construídas e aplicadas junto ao outro, no tecer das relações humanas, bem como em suas perspectivas e tomada de ações. Em um grupo, o jovem estará atrelado à possibilidade de intensificação mútua de suas habilidades comportamentais, proporcionando vivências em que haja o entendimento de que os comportamentos devem ser adequados às exigências da situação. Nessas situações, como articulado por Sarriera, Câmara e Berlim (1999), há requerimento da utilização de um amplo repertório de comportamentos, sendo desviante de um padrão comportamental rígido e uniforme.

Desta maneira, o jovem dará dando maior amplitude ao seu repertório de habilidades sociais, e o grupo agirá como propulsor na facilitação de uma gama comportamental alternativa, passível de plasticidade, estando em consonância com o perfil dos novos trabalhadores.

Na proposta grupal, o jovem pertencente e ativo, em um grupo, tem a possibilidade de intensificar situações benéficas e congruentes vivenciadas nas relações estabelecidas, cooperando para o desenvolvimento de ações assertivas. Troca de experiências e verbalização de temores encontrados, comuns acerca de crenças construídas quanto ao âmbito laboral, podem ser trazidas ao grande grupo, proporcionando novas formas de agir e pensar desses jovens.

No início de nossas atividades, ocorreu a sondagem de motivações e assuntos que seriam de maior interesse para aquele grupo de jovens ali constituído. Neste momento inicial, retraimento dos jovens e poucas idéias foram observados, demonstrando os objetivos que seriam norteadores para a continuidade de nosso trabalho: desenvolvimento de Habilidades Sociais, reflexão e construção de identidade profissional e maior consciência de potencialidades profissionais de cada participante. As atividades propostas, desta forma, não mais tinham caráter exclusivamente teórico e passaram a existir como demandas autênticas do grupo.

Relativo ao fato de retraimento destes jovens, ao

falarem no grande grupo, e escassa exposição de idéias, podemos corroborar com as idéias trazidas por Del Prette e Del Prette (1999), que consideram a ansiedade e as respostas assertivas (requeridas naquele momento, visto o contexto da situação em questão) como atuantes em direções opostas, ou seja, ansiedade agindo como inibidora das atitudes de interação, levando à fuga ou esquiva de contatos sociais.

Nota-se, pois, a coerência entre o norteamento das ações propostas com as demandas apresentadas. Objetivos profissionais deficitários, carência de informações e dificuldade de contextualização/ação no âmbito laboral. Como construir objetivos calcados em algo que não se torna claro? Como enfrentar algo que lhes parece distante e, por muitas vezes, percebido como excluído da possibilidade desses jovens? Ou, como posicionar-se diante de algo que traz uma série engessada de interpretações equivocadas, receios e temores?

Nesse sentido, Tavares e Grabowski (2006) entendem que deve ser permitido ao jovem um conhecimento amplo e assertivo do mundo de trabalho, com o intuito de favorecer a sua escolha profissional sem fantasiá-la. Os mesmos autores ainda contemplam que, junto ao ingresso no mercado de trabalho, o jovem deve encontrar um espaço de formação o qual seja facilitador de criações, pensamentos e resoluções, que sejam caracterizadoras de um genuíno processo de aprendizagem.

Com esse intuito, foram propostas atividades que denotavam o sentido subjetivo do trabalho para os jovens e as sucessivas revisão e reflexão de contexturas trazidas dentro do grupo. Estas, em sua maioria, foram provenientes de idealizações relativas ao mercado de trabalho e marcadas por influências culturais/educacionais. Vislumbrou-se forte norteamento familiar e parental nas afirmações evidenciadas. Estas se encontravam marcadas por experiências que estavam atreladas a vivências e profissões já desenvolvidas anteriormente por sujeitos que exerciam forte influência na vida destes jovens (irmãos, pais, avós, amigos...). As identificações com a profissão destes profissionais foram consideradas, na sua maioria, passíveis de repetição, ou a única forma de trabalho existente.

Del Prette e Del Prette (1999), apoiados pela ótica de Bronfenbrenner (1996), vislumbram que as metas de desenvolvimento social são colocadas lentamente ao longo de nossa transição vital, que ocorre, neste caso, quando o jovem passa a freqüentar outro microssistema que não seja sua família, promovendo a maior amplitude e diversidade de interlocutores e a requisição de novos papéis e habilidades. Os convívios em ambientes extrafamiliares levam a todo instante o jovem a novos desafios interpessoais. Referem ainda que, na adolescência, as demandas são maiores, pois tanto pais como professores esperam comportamentos sociais passíveis de maior elaboração, o que pôde, então, ser vislumbrado e desenvolvido no espaço oferecido pelas “Oficinas de Psicologia”.

Wickert (2006) denota, ainda nesse sentido, a dimensão familiar como não sendo exclusivamente reprodutora de padrões sociais, visto que também há, nesse sistema, a possibilidade de singularização e diferenciação do sujeito frente a esses padrões sociais institucionalizados. Sendo assim, para que haja essa diferenciação, faz-se de crucial importância o autoconhecimento do jovem e a identificação de suas possibilidades, seus desejos e suas habilidades.

Buscando esses objetivos e visando a exemplificar a prática realizada nas referidas "Oficinas de Psicologia", constituiu-se a atividade denominada "currículo das qualidades", onde cada participante do grupo era convidado a, dentro do modelo de currículo admitido pelo mercado de trabalho, relatar as suas "experiências de vida", qualidades e pontos que os jovens consideravam passíveis de evolução. Nesse momento, construímos a tarefa de auto-reflexão e valorização do sujeito ante suas percepções. Sentimentos de baixa auto-estima e eficácia diminuída foram verbalizados, sendo o discurso desses jovens direcionado para a "falta" de habilidade ou competências para atingir as demandas exigidas pela sociedade e pelo mercado de trabalho.

Aranha (1999) compreende que o trabalho e o seu entendimento subjetivo podem modificar a maneira de articulação, pensamento e ação de cada ser humano e de cada cultura ou grupo em que ele se encontra inserido. Assim, o trabalho é condição de humanização e instrumento de liberdade. Com o trabalho, o homem estará buscando alternativas para o seu atendimento subjetivo como também grupal.

Como exposto por Sawaia (1995), o indivíduo é a maneira pela qual ele se relaciona consigo mesmo, com seu mundo externo e grupos sociais em que está engajado (família, escola, professores...). Acreditamos que, a partir da proposta apresentada, abria-se a oportunidade de transcendência para que o jovem criasse novas redes de apoio e (re)significações acerca de si mesmo.

Nesta situação, pediu-se, ainda, que os jovens expusessem as suas qualidades ao grande grupo, sendo que os demais participantes foram convidados a corroborar ou discordar das idéias trazidas. O movimento grupal foi de acrescentar características que eram demonstradas durante o período de convivência no projeto, mas, em sua maioria, não mencionadas ou reconhecidas como qualidades.

Caso fossem apresentadas características consideradas negativas, dialogávamos, no grande grupo, para a avaliação, em quais situações essas características seriam negativas. Enfatizou-se a conotação de plasticidade nas atitudes, mostrando-se o contraponto desta característica, que ora mostrava-se benéfica, se utilizada de forma coerente, ora sendo plausível de mudança ou cautela em seu uso, no intuito de evitar equívocos. Assim, os jovens tiveram a possibilidade de se reconhecerem como coesos e donos de suas próprias ações, fomentando a elaboração do

pensamento de autonomia e capacitação, ao lidar consigo mesmos e com o outro.

Nesse cenário, o jovem pôde identificar e reconhecer-se como psicologicamente apto a orientar-se e vislumbrar-se como ser pertencente e capacitado para detenção da posição social que o habilita a ser reconhecido, valorizado e inserido em um grande grupo, denominado mundo do trabalho.

A partir dessas construções e percepções por parte dos jovens, as propostas posteriormente realizadas foram executadas de forma espontânea e construtiva, procedendo-se a gradual modificação da postura e dos comportamentos frente às situações, o que denota o incremento da auto-estima e a potencialização desse grupo.

Discussões no grande grupo, atividades de "automarketing", dinâmicas de grupo e jogos temáticos que possibilitassem a informação acerca de direitos e deveres do trabalhador foram temas também abordados nesse contexto. As atividades conseqüentes a estas agiram como auxiliares na manutenção e no desenvolvimento constante dos aspectos psicológicos objetivados nas oficinas. Trouxeram, concomitantemente, ainda, elucidações de cunho informativo relativo a ferramentas práticas ligadas ao mercado de trabalho (agências de emprego, currículo, locais disponíveis para averiguar vagas...) aos jovens que, naquele momento, estavam desprovidos de tais informações.

A ênfase da intervenção proposta foi dada ao desenvolvimento de Habilidades Sociais. Buscou-se, de forma contínua e processual, desenvolver no jovem a capacidade de refletir sobre seus comportamentos e suas atitudes tomadas diante das situações presentes na inserção laboral. Buscou-se, assim, o incremento do repertório comportamental destes jovens, favorecendo a tomada de atitudes e ações de forma mais coerente e assertiva.

Conforme Del Prette e Del Prette (1999), o exercício crescente e continuado de novos papéis desenvolvidos em sociedade e a assimilação de normas culturais, que definem a demanda e as expectativas nos desempenhos e repertórios sociais, trazem a incriminação na possibilidade de transição para sistemas progressivamente mais abrangentes e complexos, como o mercado de trabalho, que são caracterizadores do desenvolvimento de um modo geral e que influenciam decisivamente na aquisição e no desempenho satisfatórios de habilidades sociais.

Corroboramos com essa idéia a identificação do perfil do profissional exigido pelo mercado de trabalho. Tem-se cada vez mais presente a substituição das habilidades técnicas e de força bruta por atividades de refinamento intelectual e a valorização do ser humano. Identifica-se a valorização do ser humano como agente transformador através de suas atitudes, ações. Vê-se, assim, a conseqüente necessidade de ampliação de suas Habilidades Sociais, que trazem recursos para o sujeito

possuir aptidão para a plena realização de suas tarefas e ações.

Como trazido por Sarriera, Câmara e Berlim (1999), o jovem que está em busca de sua inserção no mercado de trabalho e desenvolvimento do seu repertório de Habilidades Sociais, deve estar apto a articular-se junto a uma rede de apoio social que lhe seja efetiva nesta busca de desenvolvimento pessoal/profissional. As “Oficinas de Psicologia” que nos propusemos a desenvolver vieram justamente apresentar-se como mais uma oportunidade de articulação para este desenvolvimento, contribuindo, assim, com a condição de saúde destes jovens.

Relativo à saúde psíquica do sujeito, dados de pesquisas realizadas por Wickert (2006) trazem a idéia de que o jovem, estando impossibilitado de estar engajado dentro de sua norma social e no trabalho assalariado, pode apresentar sentimentos de ansiedade e fracasso em níveis elevados. O autor relata que, na impossibilidade de inserção junto ao trabalho, novas possibilidades sociais de engajamento são procuradas, podendo ser constituídas de violência, vandalismo, uso de drogas, gravidez precoce, entre outros.

Nota-se, assim, a partir do exposto, a necessidade de intervenções que auxiliem esses jovens na busca de alguma posição que os torne ativos, pertencentes, autônomo e valorizados dentro de seu ambiente de convivência com seus semelhantes. Parece-nos imperativo promover a saúde mental junto à inserção social destes sujeitos diante de um mercado de trabalho que tanto exige, mas pouco fornece, dificultando, em alguns momentos, que haja condições de desenvolvimento de ações com esta finalidade em outros momentos vitais.

Torna-se fundamental a reflexão, o diálogo e o estudo de ações que sejam viabilizadoras da qualificação que o jovem anseia e necessita na busca de suas experiências de vida como sujeito trabalhador, cidadão e pertencente ao contexto laboral.

Nesse cenário, a Psicologia tem muito a contribuir a partir de seus conhecimentos, articulando-se como ciência comprometida com as mudanças sociais de seu tempo, entendendo o sujeito como um ser biopsicossocial que necessita de espaços de reflexão, capaz de modificar a si e, conseqüentemente, seu entorno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os 23 encontros realizados com esses jovens, notaram-se modificações significativas no grupo, sendo que, a cada encontro, revelavam-se as potencialidades que estavam latentes nestes jovens. Identificou-se movimento de autovalorização e conhecimento de si mesmo durante o processo.

Em relação às Habilidades Sociais e exemplificando seu desenvolvimento, é relevante citar o fato de que, no encerramento das atividades ligadas ao projeto, houve realização de uma peça teatral idealizada e interpretada pelos jovens. Esta foi apresentada diante de platéia

composta por pais, professores e colegas. Algo não imaginado e esperado ao iniciar das atividades junto a este grupo.

Este fato ilustra, de forma empírica, uma série de avanços conquistados pelo grupo, como o incremento do autoconceito destes jovens. Podemos, assim, através desta atividade de encerramento, pensar no desenvolvimento pessoal obtido através dessa proposta, reconhecendo modificação significativa em termos de auto-estima e auto-imagem dos jovens participantes do projeto.

Qual seria o autoconceito e a auto-avaliação desses jovens no momento de sua apresentação ao público? Considerando o crescimento e o desenvolvimento, assim como os recursos necessários e adequados nesta situação, torna-se evidente a idéia de que os jovens estavam imbuídos de um sentimento de autovalorização e capacidade antes não demonstrada ou atingida no início das “Oficinas de Psicologia”.

Neste artigo, buscou-se demonstrar e relatar apenas uma pequena gama de percepções, atividades e evoluções ocorridas durante o ano de 2007. Elas ilustram apenas uma parte da “Oficina de Psicologia”, que esteve sempre atrelada e apoiada às demais atividades desenvolvidas junto ao projeto de capacitação profissional, de forma a acompanhar este em sua forma global.

A inserção social de jovens e suas dificuldades de entrada junto ao mercado de trabalho têm sido tema constante e atual, difundido por rádios, jornais e demais meios de comunicação, assim como tema de diversos estudos dentro da Psicologia, da Sociologia, da Economia, entre outros.

Essas questões estão ligadas ao modo de constituição e caracterização de toda uma geração, que exige, demanda e perpetua o significado de trabalho, trabalhador, subjetivação e identificação através do trabalho. Assim, trabalhar está além de ter condições financeiras, de estar apto a consumo, mas pertencer à sociedade, sendo membro ativo desta.

Viver no coletivo implica, nesse sentido, filiar-se a instituições e organizações, o que pode significar a divisão de papéis, divisão de trabalhos, hierarquização das relações estabelecidas em sociedade e, conseqüentemente, as relações que transpassam e se encontram inseridas em toda ou qualquer relação social, inclusive as de trabalho (NASCIUTTI, 1996). Aranha (1997) enfatiza ainda que o homem se faz através do trabalho, pois, ao construir e produzir ativamente, está concomitantemente tornando-se humano e construindo sua subjetividade.

No meio social, nota-se a articulação e a formulação de programas que incentivam e auxiliam o jovem em sua inserção laboral. Eles têm se desenvolvido de forma enfática, sendo coerente a preocupação social que está no escopo da marginalização de empregados e necessidade de uma maior gama de espaços de inserção social.

Entende-se que é necessário que esses programas viabilizem condições de reflexão e discussão de temas socialmente relevantes atrelados tanto à manutenção quanto à criação e à renovação dos espaços ocupados dentro do mundo laboral.

Somente assim, possibilitaremos aos trabalhadores a condição de seres pensantes e autônomos, capazes de reflexão crítica e atuação como cidadãos, voltados à ponderação de aspectos sociais e pessoais, incrementando seu potencial de produção como sujeitos capazes de gerar idéias transformadoras e inovadoras dentro do mercado de trabalho e, conseqüentemente, transformando a si mesmos e ao meio em que vivem.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M.L.A. Trabalhar pra Quê? In: Marcia Kupstas (Org.). **Trabalho em debate**. São Paulo: Moderna, 1997, v. 2, p. 85-97.
- CHIAVENATO, I. **Gestão de Pessoas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- DEL PRETTE, A; DEL PRETTE Z. **Psicologia e Habilidades Sociais: Terapia e Educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FRIDMAN, L. C. **Vertigens Pós-Modernas: Configurações Institucionais Contemporâneas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- NASCIUTTI, J. C. R. A Instituição como via de acesso à comunidade. In: Regina Helena de Freitas Campos (Org.). **Psicologia Social Comunitária: Solidariedade e Autonomia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996, v. 1, p. 100-126.
- SARRIERA, J; CÂMARA, S; BERLIM, C. **Manual de Jovens à Procura de Emprego**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- SARRIEIRA, J.; CÂMARA, S.; BERLIM, C. **Treinamento em habilidades sociais na orientação de jovens à procura de emprego**. *Psicologia*, v.30, n.1, p.67-85, jan./jun. 1999
- SAWAIA, B. **Novas veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- TAVARES, A.; GRABOWSKI, G. **O Jovem e o Mundo do Trabalho: Um Processo de Inserção ou Formação?** *Revista Prâxis*, v.2, p. 45-49, Ano III, 2006.
- WICKERT. L. F. **Desemprego e juventude: jovens em busca do primeiro emprego**. *Psicologia Ciência e Profissão*, vol. 26, nº. 2, p. 258-269, jun. 2006.